



## SUBSTANTIVO E SER

Lisette Fernandes Figueiredo

**Resumo:** Este ensaio discute a fronteira entre o "ser" enquanto nome e o "ser" enquanto verbo. Feitas algumas considerações teóricas sobre o tema, algumas bibliografias didáticas são estudadas em função desta distinção.

**Resumé:** Cet éssai discute la frontière entre "l'être" à la condition de nom et "l'être" à la condition de verbe. D'après quelques considérations théoriques sur le thème, quelques bibliographies didactiques sont étudiées en fonction de cette distinction.

**Palavras-chave:** Lingüística, Gramática, Semântica, Léxico.

*Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta via de investigação, eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em seu peito, o seu espírito errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória.*  
(Parmênides)

Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. (Êxodo, 3:14).

Onde fica a fronteira entre o "ser" nome e o "ser" verbo? Deus, ao afirmar "EU SOU", declara todo o seu poder, sua existência, autoridade e onipotência. Mas, nós, o que somos? Existimos? Somos? E os reinos animal, vegetal, mineral? Existem? E o que percebemos, existe? Afinal, o que é o "ser"?

Acreditamos que tudo está em constante transformação, que a verdade do homem é relativa e que "tudo tende a ser", pois somos bombardeados por uma multiplicidade de imagens, geralmente, incoerentes e vindas de todos os lados. É difícil, por exemplo, distinguir entre a violência fictícia e a violência real constantemente apresentadas em filmes e telejornais, porque têm o mesmo impacto. A realidade idealizada pela publicidade, que normalmente está em contradição com o nosso dia-a-dia, tem um efeito real sobre o nosso cotidiano. Isso é tão real que, muitas vezes, buscamos nossa identidade em ídolos.

A mecânica quântica tem-nos mostrado uma revolução na forma de encarar o real pela ciência, pondo fim a certezas longamente estabelecidas, como é o caso dos elétrons, que tanto podem ser uma partícula como uma onda. Não é fácil uma sistematização. Diz-se que o homem é um ser social, solidário e cheio de valores, mas sabe-se que o mesmo está solitário, indiferente com o próximo e vazio. As novas tecnologias, a engenharia genética, a realidade virtual e a inteligência artificial criam realidades fabricadas pelo homem e as fronteiras entre o real e o irreal chocam-se.

Nessa perspectiva, há questões polêmicas como é o caso do ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, no ensino do conceito de substantivo. O mais tradicional conceito é "Substantivo é a palavra que dá nome aos seres" (Farako e Moura, 1998, p.174). Por mais que se busque conceituar substantivo, há sempre uma incógnita: O que é ser e em que ele consiste? A reflexão faz-se necessária, pois se não compreendermos, não conhecermos e não acreditarmos em nosso próprio discurso, quem acreditará? E como iremos entender e diferenciar o substantivo abstrato do concreto, por exemplo, se não sabemos o que é o "ser" ou em que ele consiste?

A noção de "ser" parece-nos abrangente e envolve conceitos como "ente", "essência", "existência", "realidade".

Não se pode tentar definir o ser (...) sem começar por é, quer se exprima, quer se subentenda. Por conseguinte, para definir o ser seria preciso definir é, e assim usar o termo na sua própria definição (Grand, 1983, p.343).

A observação, na verdade, confunde o verbo ser com o substantivo ser.

Mas este é mesmo susceptível de definição? Podemos começar por desfazer-nos das objeções provenientes de uma pretensa particularidade lingüística que reservaria a noção do ser apenas para um setor da humanidade, tornando, assim, suspeita a atribuição metafísica desta noção (Idem, ibidem, p.343).

Ao longo da história da filosofia, as diversas teorias sobre o "ser" irão ter, como paradigmas, as posições de Heráclito e Parmênides. Heráclito, defendendo a valorização do "dever" (multiplicidade e mudança), da transformação das coisas umas nas outras, e Parmênides, na defesa intransigente da unidade e imutabilidade do "ser".

Em grego, to eón, to ón (particípio "Sendo") e einai (infinitivo "Ser") foram concorrentemente usados por Parmênides, o primeiro a proclamar "o Ser é" (que Heidegger traduz: "existe verdadeiramente Ser") (Idem, ibidem, 343).

Segundo Chauí,

Heráclito afirmava que somente o dever ou a mudança é real. O dia se torna noite, o grande diminui, o pequeno cresce, a treva se faz luz, esta se transforma naquela, a vida cede lugar à morte, esta dá origem àquela. O mundo, segundo

ele, é um fluxo perpétuo onde nada permanece idêntico a si mesmo, mas tudo se transforma no seu contrário. A luta é a harmonia dos contrários, responsável pela ordem racional do universo. Nossa experiência sensorial percebe o mundo como se tudo fosse estável e permanente, mas o pensamento sabe que nada permanece, tudo se torna contrário de si mesmo. O logos é a mudança e a contradição. Parmênides afirmava que o devir, o fluxo dos contrários, é uma aparência, opinião que formamos porque confundimos a realidade com as nossas sensações, percepções e lembranças. O devir dos contrários não existe, é irreal, não é. É o Não-Ser, o nada, impensável e indizível. O que existe real e verdadeiramente é o que não muda nunca, o que não se torna oposto a si mesmo, mas permanece sempre idêntico a si mesmo. É o Ser.(...) Só podemos dizer e pensar aquilo que é sempre idêntico a si mesmo. Por isso somente o Ser pode ser pensado e dito. Para Heráclito, a contradição é lei racional da realidade; para Parmênides, a identidade é essa lei racional (Chauí,1998,p.180-181).

Se é verdade o que Heráclito diz, o pensamento será um fluxo permanente, e a verdade, uma eterna contradição dos seres em constante transformação; mas, se é verdade o que Parmênides diz, desconhecemos o mundo em que vivemos e é impossível conhecê-lo. Vivemos segundo opiniões e impressões, ou seja, na ilusão.

Parmênides está correto ao dizer que o pensamento e a linguagem exigem a identidade, assim como, Heráclito está correto ao afirmar que as coisas mudam.

Platão tenta conciliar as idéias de Heráclito e Parmênides e defende a existência de duas realidades de naturezas diferentes, de dois mundos em que um está dependente e subordinado ao outro. O mundo que vemos e sentimos é o mundo sensível, o mundo da multiplicidade e do devir, mais imediato, mas superficial, aparente e sem muito peso ontológico. Existe também o mundo inteligível, o mundo das idéias e dos seres, o mundo da verdadeira realidade e da unidade. Mundo das idéias que está fora e é independente do mundo sensível, fora do devir e da multiplicidade.

Aristóteles será o primeiro a perguntar: "O que é o Ser?", usando uma locução grega que, traduzida à letra, diria: "O que era habitualmente o Ser?" A resposta que fornece se liga à lógica, à ontologia e, aparentemente, reduz esta àquela, às suas categorias (substância).

Para a clássica polémica entre Heráclito e Parmênides, Aristóteles propõe uma nova interpretação do ser, segundo a qual em todo ser devemos distinguir: o ato, que é a manifestação atual do ser; a potência, que se traduz pelas possibilidades do ser, ou seja, aquilo que ainda não existe mas pode vir a ser.

Ao elaborar a realidade, reconhecia-se a multiplicidade dos seres percebidos pelos sentidos. Assim, tudo o que vemos, pegamos, ouvimos e sentimos é aceito como elemento da realidade sensível. Rejeitava, portanto, a teoria de Platão, segundo a qual os dados transmitidos pelos sentidos não passam de distorções, sombras, ou ilusões da verdadeira realidade existente no mundo das idéias.

Para ele, a observação da realidade leva-nos à constatação da existência de vários seres individuais, concretos, mutáveis captados por nossos sentidos.

Heidegger, em sua obra "Ser e tempo", retoma a questão do ser (Sein) e procura conceituá-lo. Para ter um conceito do ser-em-geral, ele inicia indagando o ser do homem, pois o homem é o Sendo que se questiona acerca do ser.

O ser é sempre ser de um ente. A questão do ser exige um modo adequado de acesso ao ente. Chamamos de 'ente' muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), no teor e recurso, no valor e validade, na pre-sença, no 'há'. Pre-sença, esse ente que cada um de nós somos (= existência, 'ser-aí') e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo pre-sença. A colocação explícita e transparente da questão sobre o sentido do ser requer uma explicação prévia e adequada de um ente (pre-sença) no tocante a seu ser (Heidegger, s. d.).

A palavra existência, no plano meramente vocabular, remete a um movimento de dentro para fora, expresso na preposição ek; a instalação que circunscreve e delimita um estado e um lugar; uma dinâmica de contínua estruturação em que se trocam os estados, as passagens e os lugares.

Heidegger afirma que

devido à pregnância desse conjunto semântico é que Ser e Tempo reservou 'existência' para designar toda a riqueza das relações recíprocas entre pre-sença e ser, entre presença e todas as entificações, através de uma entificação privilegiada, o homem. Nessa acepção, só o homem existe. 'A pedra é', mas não existe. O carro 'é', mas não existe. Deus 'é', mas não existe. Privilégio não diz exercício de poder e dominação, senão a aceitação do Dom da existência que lhe entrega a responsabilidade e a tarefa de ser e assumir esse Dom. A resposta a essa doação se dá como história. Na história do Ocidente, a resposta predominante tem sido a era da metafísica. Nela, a existência reduz-se à instalação que circunscreve e delimita um estado e lugar na tensão com a essência. Por isso, qualquer inversão da ordem entre essência e existência consolida e não supera a resposta metafísica (Idem, ibidem).

Usando apenas o vocabulário de Heidegger e uma parte do "método", Sartre escreve numa perspectiva completamente diferente: Deus não cria o ser em si, e seu objetivo não é esse. "É uma inanescência que não pode realizar-se, uma afirmação que não pode afirmar-se, uma atividade que não pode agir" (Grand, 1983, 344).

Aranha e Martins dizem que

a existência precede a essência. 'Base do existencialismo'. A essência é o que faz com que uma coisa seja o que é, e não outra coisa. Por exemplo, a essência de uma mesa é o ser mesmo da mesa, aquilo que faz com que ela seja mesa e não cadeira. Não importa que a mesa seja de madeira, fórmica ou vidro, que seja grande ou pequena: importa que tenha as características que nos permitam usá-la como mesa. No famoso texto O existencialismo é um humanismo, Sartre usa como exemplo um objeto fabricado qualquer, como um livro ou uma espátula de cortar papel. Quando um fabricante faz alguma coisa, tem antes em mente o ser do objeto que será fabricado. Da mesma forma, uma pessoa que crê em Deus, supõe que ele seja o artífice superior que criou o homem segundo um modelo, tal qual o artesão faz qualquer objeto. Daí deriva a noção de que o homem teria uma natureza humana, encontrada igualmente em todos os homens. Portanto, segundo essa concepção, a essência do homem precede a existência. Não é essa, no entanto, a posição de Sartre, que não identifica a fabricação de coisas ao fazer-se do homem. E, sendo ateu, não aceita a concepção de criação divina a partir de um modelo. Por isso especifica que, ao contrário das coisas e animais, no homem a existência precede a essência, e isso significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialismo, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para o conceber. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se

deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo (Aranha e Martins, 1999, p. 306).

Na opinião de Grand,

seria preferível reservar o termo existente para designar o homem e o termo ente para designar (incluindo ou não o homem, mas nunca ao falar só dele) tudo o que 'nos cerca, nos encontra, nos leva, nos constrange, nos enfeitiça e nos enche, nos exalta e nos decepciona' (Heidegger), sem, no entanto, nos apresentar o ser em si, o ser absoluto. Este ente em geral seria distinto dos entes particulares (objetos, astros, pedras, animais...) precisamente pelo seu caráter de totalidade (...). mas, até lá, os filósofos empregam sucessivamente um e outro participio substantivado, para indicar qualquer realidade 'concreta' (Grand, 1983, p. 138-139).

O ser é a perfeição primeira e fundamental de todo ente, cujas restantes perfeições se apresentam como transuntos ou participações do ser, como ser-assim ou ser-de-outra-maneira. Portanto, nem o tempo (p. ex., segundo Heidegger), nem o devir (Hegel) o precedem; pelo contrário, ambos se radicam no ser, que nele se exprime deste modo determinado.

Como o finito só "tem" ser e, por conseguinte, não existe necessariamente, seu existir baseia-se num poder-ser, ou na pura possibilidade; pelo que, tomado em acepção mais ampla, o ente abarca também o possível, denotando, então, alguma coisa a que convém ou pode convir o vir a ser. Todos os demais significados do ser se reduzem a este sentido primitivo; pelo que, fora da existência, não há modos de ser inteiramente substantivos. O ser lógico, expresso na cópula do juízo ("é"), tem igualmente suas raízes na existência, pois que enuncia um existir real ou ideal. Finalmente, o mesmo se diga do ser intencional do conhecimento conceptual, porque seus conteúdos nada mais são do que tradução do ente.

A questão do ser afeta a razão mais íntima, mercê da qual todo ente "é" ou "revela sua essência". Desvendar este âmago, é o que perfaz a essência do espírito, tem sido "a" ânsia, o desejo intenso da filosofia ocidental desde os gregos. Nesta questão, trata-se sempre, em última instância, de transitar do ente finito, que só "tem" ser ou participa do ser ao Ser infinito, que "é" essencialmente o ser (em toda a sua plenitude) e, por isso, se chama "o próprio Ser" (Ipsum Esse), (Substância).

Mas, segundo Oliveira (s.d.),

"nossa percepção não identifica o mundo exterior como é na realidade, e sim como as transformações, efetuadas pelos nossos órgãos dos sentidos, nos permitem reconhecê-lo. Assim é que transformamos fótons em imagens, vibrações em sons e ruídos e reações químicas em cheiros e gostos específicos. Na verdade, o universo é incolor, inodoro, insípido e silencioso. (...) Cores, tons, cheiros e gostos são construções da mente, a partir de experiências sensoriais. Eles não existem, como tais, fora do nosso cérebro" (...) (Oliveira, s. d.).

E diz mais:

ainda que dois seres humanos dividam a mesma arquitetura biológica e genética, talvez o que eu percebo como uma cor distinta e cheiro, não é exatamente igual à cor e cheiro que você percebe. Nós damos o mesmo nome às diferentes percepções, mas nós não sabemos como se relacionam à realidade do mundo externo. Talvez nunca saberemos (Idem, ibidem).

Parece-nos que, quanto mais buscamos responder o que é o ser ou em que ele consiste, mais nos distanciamos da resposta, pois ao abordarmos o problema, não podemos ignorar a questão da linguagem. Falamos do mundo, do universo, dos animais e das plantas, das coisas, dos "seres", da realidade, e estamos em primeiro lugar usando palavras, com as quais julgamos designar uma realidade qualquer diferente dessas mesmas palavras. E as coisas não são assim tão simples como parecem. Não nos atrevemos a mencionar a questão dos universais e do nominalismo, mas cremos que a questão do conceito de "ser" no mundo dos substantivos deixa-nos muitos caminhos a percorrer.

O homem gradativamente está perdendo seus principais pontos de apoio e referência. Precisamos nos reeducar e agir em busca da filosofia e da ciência num redescobrir constante. Nossos alunos estão lidando com a inteligência artificial, com a realidade virtual e com a engenharia genética em particular e nós temos de ser atrevidos o suficiente para mergulharmos com eles neste mundo paralelo onde não há fronteiras para conceitos estabelecidos.

Veremos alguns conceitos de substantivo em dicionários, gramáticas e livros didáticos.

Para Dubois et alii,

substantivo, nome (fr. Nom, ingl. Noun). 1. A gramática tradicional define como substantivo as palavras com que se designam os seres animados e o que ela reagrupou como "coisas", a saber os objetos, os sentimentos, as qualidades, os fenômenos, etc. Assim, são substantivos: André, gato, cadeira, revolução, reposição, tranquilidade, maldade, compota, copo, casa. Do ponto de vista da extensão (do número maior ou menor de elementos aos quais a idéia pode aplicar-se), opuseram-se os substantivos comuns, que podem aplicar-se a elementos que pertencem a conjuntos de seres ou de coisas aos quais o substantivo se aplica da mesma maneira, e os substantivos próprios, que só se aplicam a um ser ou uma coisa tomados em particular (nomes, sobrenomes, nomes de dinastias, nomes de povos, nomes geográficos de países, regiões, cidades, rios montanhas). Considerou-se, todavia, que lua, sol eram substantivos comuns, embora o conjunto só compreenda um único elemento; por outro lado, os substantivos próprios podem tornar-se substantivos comuns (um Judas). Repartiram-se, também, os substantivos em concretos e abstratos e individuais e coletivos, conforme a natureza do que designam. Em português, o substantivo pode ser caracterizado formalmente por um gênero e varia em número. As funções tradicionais do substantivo são: sujeito, como em João está descontente; predicativo do sujeito, como em Ele é (o) senhor em sua casa; aposto, como em Ajácio, capital da Córsega; objeto direto, como em Vejo nuvens; objeto indireto, como em Gosto das férias; e André, em Dou livros a André, e adjunto adverbial. 2. A linguística distribucional define como pertencendo à classe dos substantivos todo morfema que possa ser precedido de um morfema pertencente à classe dos determinantes, para formar com ele um sintagma nominal, constituinte imediato da frase de base. 3. A linguística gerativa define como substantivo todo morfema suscetível de ser inserido no lugar de um símbolo posição ?, dominado pelo símbolo categorial S (correspondente ao N do fr. Nom e do ingl. Noun). 4. Chamam-se, às vezes, substantivos de número os termos que a terminologia oficial considera como numerais cardinais (um, dois, três). Na realidade, não são nem substantivos nem adjetivos: pertencem a uma categoria de determinantes, a dos qualificadores (Dubois et alii, 1973, p. 569-570).

Segundo Ferreira,

substantivo, [Do latim substantivum.] Adj. 1. Que, por si só, designa a própria substância de um ser real ou metafísico: Aquela jovem era a expressão substantiva da beleza; A imagem substantiva do absoluto decorre de tendências puramente individuais. 2. Que define, caracteriza ou acentua alguma coisa: A menor incidência de mortalidade infantil é a consequência substantiva de acertadas medidas de profilaxia. 3. Gram. Equivalente a um substantivo (4), ou que o traz implícito: oração substantiva. ~ V. direito -, lei -,a, pronome - e verbo -. S.m. 4. Gram. Palavra com que se nomeia um ser ou um objeto (substantivo concreto), uma ação, qualidade, estado (substantivo abstrato), considerados separados dos seres ou objetos a que pertencem (Ferreira, 1975, p.1332).

Sacconi dá a seguinte definição de substantivo: "tudo o que existe no mundo - ou que imaginamos existir - tem um nome: casa, escola, livro, Deus, Brasil, amor, felicidade, fada, etc. esse nome é justamente o substantivo" (Sacconi, s.d., p. 54).

Substantivos, de acordo com Perini, "são, pois, todas as palavras que podem ser complementos do predicado e não podem ser nem modificadores nem predicativos" (Perini, 1996, p.327)

Na opinião de Savioli,

substantivo é a classe de palavra que: do ponto de vista semântico, designa todo o tipo de ser: pessoas, coisas, divindades, etc.; do ponto de vista mórfico, assume as categorias de gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural); do ponto de vista sintático, funciona sempre como suporte ao qual se associam palavras modificadoras. Exemplo: aluno, casa, pedra, cavalo, Deus, Pedro, Brasil, povo, etc. (Savioli,1984, p.240).

Para Cunha,

substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral (Cunha, 1970/71, p. 70).

De acordo com Sargentim,

você pode conhecer o substantivo com base em três critérios: significação da palavra; forma da palavra; relação com outras palavras.

Quanto à significação, o substantivo indica o ser. Para você entender essa afirmação, é importante pensar o que significa a palavra "ser". Ser é tudo aquilo que existe: uma árvore, o Sol, o amor, o calor, Deus, a assombração. O ser é, portanto, alguma coisa física ou mental. Coisa física é aquilo que você vê, ouve, cheira, toca ou saboreia. Exemplo: água, fogo, terra, céu, nuvens, pássaro, televisão. Coisa mental é tudo que é produto de sua mente, de sua imaginação ou de seu sentimento. Exemplo: beleza, ódio, Saci-pererê, coragem, Super-homem, Deus. De acordo com a significação, o substantivo classifica-se como próprio ou comum, concreto ou abstrato.

Quanto à forma, o substantivo é uma classe de palavra que varia (muda) a terminação para indicar: 1) gênero: masculino: menino; feminino: menina. 2) o número: singular: menino; plural: meninos. Quanto à forma, o substantivo classifica-se em: primitivo, derivado, simples, composto.

Quanto à relação com outras palavras, o substantivo será sempre a palavra que tem a função de principal, isto é, de núcleo. Exemplo: Meu pai era um homem de coragem. Pai = núcleo (sujeito). Definição: substantivo é uma classe de palavra que: indica o ser; varia em gênero, número e grau; funciona como núcleo. (Sargentim, 6ª série, s.d., p. 22).

Observamos gramáticos preocupados em aperfeiçoar o conceito e o papel do substantivo, tendo como ponto de partida a gramática tradicional, percorrendo a lingüística distribucional, a lingüística gerativa, a semântica e, não deixando de, numa tentativa, "pincelar" o campo filosófico. Porém, entre essas áreas de estudo e a área filosófica, há uma lacuna que necessita ser preenchida. Hermínio G. Sargentim, ao conceituar substantivo, quanto à significação, "aproxima-se" do nível filosófico, apesar de ser uma explicação superficial; Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, conduz o substantivo a uma "noção" filosófica, mas na condição de adjetivo. Os demais gramáticos, quanto à conceituação de substantivo, continuam na linha tradicional já mencionada.

Acreditamos que, em termos de definição de substantivo, muito já se conquistou. Sabemos que há muito para se desvendar sobre o que é o "ser" e no que ele consiste. Entretanto, será coerente continuarmos distantes da Filosofia, negando aos nossos alunos e a nós mesmos o direito à busca de respostas às nossas indagações? Será coerente não nos permitir a criação de novos conceitos e nos conformarmos com o que os livros nos oferecem? Ou devemos, como pesquisadores, unir-nos à Filosofia?

## BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Ferreira João. A Bíblia Sagrada. Flórida- E.U.A.:Vida, 1990.
2. ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando; Introdução à Filosofia. 2.ed. São Paulo : Moderna, 1999.
3. COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia. São Paulo : Saraiva, 1992.
4. CUNHA, Celso. Manual de Português; admissão. Rio de Janeiro :EDILD, 1970/71.
5. DUBOIS, Jean, GIACOMO, Mathée, GUESPIN, Louis, MARCELLESI, Christiane, MARCELLESI, Jean B. e MEVEL, Jean-Pierre. Dicionário de Lingüística. São Paulo : Cultrix, 1973.
6. FARACO & MOURA. Língua e Literatura. São Paulo : Ática, 1998.
7. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1.ed., 15 impressão, Rio de Janeiro : Nova Fronteira.
8. GRAND, Gerard Le. Dicionário de Filosofia. São Paulo : 70, 1983.
9. HEIDEGGER, Martin. SER E TEMPO - Parte I. Petrópolis : Vozes, s.d..
10. OLIVEIRA, Jorge Martins. Percepção e Realidade. Disponível na Internet via [jmartins@rio.nutecnet.com.br](mailto:jmartins@rio.nutecnet.com.br)
11. PERINI, Mário A. Gramática Descritiva do Português. São Paulo : Ática, 1996.
12. SACCONI, Luiz Antonio. Gramática Essencial Ilustrada. São Paulo : Atual Editora, 1994.

13. SARGENTIM, Hermínio G.. Atividades de Comunicação em Língua Portuguesa: 6a série. São Paulo : IBEP, s.d..  
14. SAVIOLI, Francisco Platão. Gramática em 44 Lições. São Paulo : Ática, 1984.

topo 



---

Copyright PPGCL/Unisul 2006 © (48) 3621-3369 - Desenvolvimento: Prof. Dr. Fábio José Rauem